

O JORNALISTA DO DISTRITO DE ÉVORA *

JOÃO VIANNEY CAMPOS DE MESQUITA

*Sobre a nudez forte da verdade
O manto diáfano da fantasia
(Eça)*

1. INTRODUÇÃO

Torna-se extremamente difícil ao leigo, não afeito ao pastiche nem à cópia servil, enfocar tema tão rebatido em mais de cinquenta estudos em livros, além de centenas de monografias, publicadas ou inéditas, sobre a tessitura da obra eciana em todo o mundo.

Com respeito a essa copiosidade bibliográfica, Galeão Coutinho, no Prefácio do livro *Crítica social de Eça de Queiroz*, da autoria de Djacir Menezes, refere-se à possível desconfiança que esse texto do escritor de *Naturgesetzlichkeit Und Soziales Leben* poderia suscitar, formulando a pergunta: — *Mais um livro sobre Eça de Queiroz?*¹

Braga Montenegro, um dos nossos mais eminentes literatos, — recentemente desaparecido — é de opinião que *O assunto Eça de Queiroz se me afigura, encarado do ponto de vista biográfico, senão inteiramente, pelo menos nos seus aspectos característicos, um assunto esgotado. Tudo o que, de agora em diante, aparecer, neste particular, será como retoques ligeírrimos a essa extraordinária figura que encheu mais de meio século de vida literária dos povos da língua portuguesa, e de tal maneira a obscurecer tantos e tão grandes valores que na órbita*

* Prêmio Elos-Eça 1980, promovido pelo Elos Clube de Fortaleza.

1 MENEZES, Djacir. *Crítica social de Eça de Queiroz*. 2. ed. Fortaleza, Imprensa Universitária, 1962.

*tocada de sua auréola nunca puderam ter o destaque de que eram merecedores.*²

Com efeito, fazendo a mais absoluta fé nos dois cearenses de nomeada, — cujas opiniões, aliás, afluem às gerais da crítica — como é que vamos, na postura de iniciado em assuntos literários e na condição de leitor comum, apenas tocado de maior curiosidade sobre a profundidade da obra e das relações queirozianas, proceder a essa abordagem? É um problema a ser solucionado aqui por quem procurou mourejar em terreno dessalinizado e desde há muito sem o humo do ineditismo, desprovido da riqueza química deste solo que perdeu a latência, revolido pelos mais dignos e doutos exploradores.

Contudo, no pressuposto de que a nossa pretensa diligência sane tal dificuldade, surge outro busílis, que se configura na limitação do espaço físico para feitura do trabalho. Discorrer sobre a obra do tradutor de *Philidor* (José Bouchardy) em apenas dez laudas datilografadas é labor que obriga a um extraordinário poder de suma e subtrai do escrevinhador mais minudente, avesso à obscuridade, o lance de perscrutar, num discurso mais solto e menos telegráfico, as diversas facetas da produção do ilustre parceiro de Ortigão.

Talvez *minima de malis* tenha presidido o pensamento dos organizadores do Concurso, em limitando o número de linhas para confecção do ensaio. Dessarte, escrever-se-á pouco. Por isso errar-se-á menos.

Caso, entretanto, consigamos, a for dos bons alunos de Aritmética, montar e resolver esses dois carroções, chegaremos ao cabo da lousa sem ter gasto todo o craião e, quem sabe, ratificaremos o *chi molto chiara, spesso fala*, dos conterrâneos de Giovanni Verga, que, por sinal, em sua pátria, fez escola com Eça.

Feitas essas considerações propedêuticas, temos, ainda, a louvar a iniciativa do Elos Clube de Fortaleza na promoção desse Concurso, que não pôde prescindir da colaboração do *cidadão de duas pátrias* Manuel Dias Branco, conhecido industrial no Ceará, que doou a importância destinada à premiação.

O assunto Eça de Queiroz, conquanto suficientemente conhecido por aqueles que lidam, de ofício ou por curiosidade, com literatura, é ainda pouco sabido pelos estudantes, que o preterem em favor da especialização e *ex vi* do afogadilho em que vive o mundo moderno, mormente nas cidades, onde a febre

2 MONTENEGRO, Braga. *Correio retardado: estudo de crítica literária*. Fortaleza, Imprensa Universitária, 1966, 259 p.

da conquista, *maquiavelicamente*, justifica a competição, no mais das vezes custosa e até desleal.

O estímulo desse concurso deu azo aos estudantes cearenses de procurarem conhecer, com maior profundidade, não somente a vida e a obra do jornalista do *Distrito de Évora*, mas também o relacionamento da sua figura e da sua escola com todas as literaturas de língua portuguesa, porquanto ele foi par, continuador, reformador e mestre das idéias provindas de Emile Zola e Gustave Flaubert, por sua via e influência difundidas pelo Brasil e chegadas ao Ceará.

2. A VIDA EMBASANDO A OBRA

Imagine-se no segundo quartel do séc. XIX, num país de progênie católica, onde grassavam os preconceitos de toda sorte, o que significava um filho natural. Infira-se, considerada a lonjura dos anos, o que queria dizer uma pessoa ficar até os quatro anos alvo da maledicência, da ausência paterna e do remoque público por ter nascido à margem da relação matrimonial. Considere-se, como ensinam os psicólogos infantis, que os primeiros estágios da personalidade, aliás os mais importantes no cadinho psicológico, se formam na primeira infância e, por essa causa, uma pessoa agrega à sua personalidade todos os eventos adventícios, bons ou ruins. Somem-se, depois, todos esses elementos e ilaia — se o que deve ser ilaído, apondo-se nesse estado o menino de Póvoa do Varzim, que privou da modestia da família da Vila do Conde, no Minho, e, algum tempo depois de 1849 — quando se casaram os pais — ficou em Verdemilho, na convivência dos avós paternos até 1855, quando lhe morreu a avó.

Foram assim os primeiros dez anos de Eça, filho de José Maria de Almeida Teixeira de Queiroz e de Dona Carolina Augusta Pereira Eça, nascido aos 25 de novembro de 1845 e que viria a ser uma das figuras mais representativas das letras em todo o mundo. Depois de ter sido interno no Porto, foi aprovado para a Faculdade de Direito de Coimbra, onde se bacharelou tendo por escopro as idéias materialistas de Feuerbach, Huxley e Haeckel e as positivistas de Comte, Littré e Taine, difundidas e muito em voga na época. No Colégio da Lapa, no Porto, dirigido por Joaquim da Costa Ramalho, pai de Ramalho Ortigão, conheceu este escritor, tendo, então, . . . *nascido a férvida amizade que haveria de ligar para sempre os dois futuros escritores.*³

3 LELLIS, Raul Moreira de. *Português no colégio*. 10. ed. São Paulo, Ed. Nacional, 1968, p. 312.

O fruto maior da sua estada na Faculdade de Direito foi seu relacionamento com Teófilo Braga e Antero de Quental, tendo sido este último o líder da geração realista, pois que Eça de Queiroz não pontificou em Coimbra como aluno brilhante, de modo a ter assegurado um bom futuro forense.

*Sob o ponto de vista escolar, foi Queiroz um aluno apagado. Da Universidade e dos professores não lhe ficaram recordações lisonjeiras. Sua passagem por Coimbra nada tem de espetacular e é quase silenciosa.*⁴

Aliás, prova o asserto a indecisão do futuro escritor quanto à carreira que iria seguir, pois, instalada sua banca de advogado em Lisboa, pouco tempo demorou-se com essa atividade, repudiando-a por encará-la prosaica, rotineira e sem sentido.

Até então, Eça de Queiroz guardava na retentiva suas observações sobre as pessoas e os ambientes onde vivera, sem que nada de monta levasse ao lume, a não ser cerca de onze folhetins publicados, entre os anos de 1866/67, na *Gazeta de Portugal*, abrindo a série as suas *Notas Marginais*.

Em 1867, esteve em Évora, onde fundou e foi diretor do *Distrito de Évora*, jornal de oposição de que se utilizava, também, para fins literários que diziam com os movimentos filosóficos de então. Neste mesmo ano, voltou a Lisboa e recomeçou a sua colaboração na *Gazeta*, publicando *O Milhafre* (folhetim n.º 12). Nessa oportunidade, formou-se o grupo do *Cenáculo*, centro de convívio intelectual, do qual participavam, além de Eça e dentre outros, Antero de Quental, Jaime Reis e Salomão Sáraga.

Com remissão à mocidade estudantil do autor de *A Cidade e as Serras*, retiramos de João Grave e Coelho Neto o seguinte: . . . *A mocidade de Eça de Queiroz foi concentrada. Pertencente a uma geração inquieta e turbulenta, comprazia-se, em Coimbra, em reparar o que à sua volta ocorria, pensando já talvez em algumas personalidades de sua galeria futura. Não manifestou, como estudante, acentuadas preferências por qualquer gênero de arte; mas o teatro chegou a merecer-lhe uma simpatia de tal ordem que, nas récitas organizadas pela Academia, era ele quem desempenhava os papéis de galã e com extraordinário relevo. Isto familiarizou-o com o diálogo, deu-lhe a inteligência das situações e a sutileza na lógica dos caracteres,*

4 RAMOS, Feliciano, apud IANNONE, Carlos Alberto. In: QUEIROZ, Eça de. *O Crime do padre Amaro*. São Paulo, Ed. Três, 1972. (Obras imortais de nossa literatura, 2).

*afiando-lhe mais os dons de observador e de psicólogo. A experiência do teatro foi altamente favorável ao futuro romancista.*⁵

Com o Cenáculo começara, então, a vida de escritor de Eça de Queiroz, que demonstrara, já nos folhetins — conquanto estes não fossem a glorificação — seus pendores literários. Deixara Coimbra sem que se vislumbresse nele o incomparável escritor que seria dentro em pouco tempo.

Como já se disse, Eça de Queiroz, enquanto em Coimbra não desidiara nas suas observações e tentativas, não deixando de fazer repetidos ensaios de contos, de novelas e de romances, alfarrábios que imediatamente inutilizava, como a repetir um novo Caná, pois lhe não havia chegado ainda a hora.

Em 1869, o pintor de *O Primo Basílio* esteve presente, junto com o Conde de Resende (seu futuro sogro), à abertura do Canal de Suez, tendo visitado o Egito e a Palestina, viagem que foi decisiva para sua carreira. De lá voltou com o manuscrito de *O Egito*, série de reportagens sobre aquela Região. No ano seguinte, publicou uma série de folhetins sob o título geral de *De Port Said a Suez* e, nesse mesmo ano, foi nomeado administrador do Concelho de Leiria. *Entre 24 de junho e 27 de setembro de 1870 — narra o professor Carlos Alberto Iannone, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Marília, em compilação que trabalhou para a Editora Três, no volume 2 das obras imortais de nossa literatura, — saiu em folhetins O mistério da estrada de Sintra, no Diário de Notícias.* Com a intenção de seguir carreira diplomática, entrou em concurso para cônsul de primeira classe, na Sala do Corpo Diplomático do Ministério dos Estrangeiros, logrando a primeira classificação. O ano de 1871 marcou uma série de acontecimentos importantes: realizaram-se as famosas *Conferências Democráticas do Cassino Lisboense*, sendo Eça de Queiroz o quarto conferencista com a dissertação *Realismo como Nova Expressão de Arte*. Foi exonerado do cargo de administração em Leiria. Em 1872, partiu para Havana, nomeado Cônsul de 1.ª classe nas Antilhas Espanholas. No ano seguinte, conheceu os Estados Unidos em missão oficial. Transferiu-se, em novembro de 1874, para New Castle, na Inglaterra. Começou a elaborar os seus primeiros grandes romances naturalistas: *O Crime do Padre Amaro* e *O Primo Basílio*.

Nos anos de 1877 e 1878, colaborou no jornal *A Atualidade*, do Porto, com as *Cartas de Londres*. Sua atividade intelectual e diplomática era intensa: transferiu-se para o Consulado de

5 GRAVE, João & COELHO NETO. Eça de Queiroz. In: LELLO Universal. Porto, Lello, s.d., p. 822.

Bristol (1878), colaborou na *Gazeta do Rio de Janeiro* e publicou, em folhetins, o romance *O Mandarin, no Diário de Portugal* (1880). No início de 1880, viajou a Portugal, em férias, ali permanecendo até junho. Três anos depois foi eleito sócio correspondente da Academia Real de Ciências. Em uma de suas viagens, estando em Paris em 1885, entrou em contato com Emile Zola, o mestre do Naturalismo francês. Entretanto, apesar da intensa atividade como Cônsul e literato, Eça de Queiroz sentia-se só. Tinha conhecido, no verão de 1884, na Praia da Granja, em Portugal, Dona Emília Resende, filha do Conde de Resende. Mantinha com ela um romance, alimentado por farta correspondência. Resolveu, então, se casar. Em fevereiro de 1866, no Oratório particular da Quinta de Santo Ovídio, contraiu matrimônio com Dona Emília. O seu casamento e, dois anos depois, a sua nomeação para Cônsul de Portugal em Paris mudaram radicalmente sua vida. Instalou definitivamente sua casa em Neuilly, Paris, e passou a viver como burguês, dedicando-se ao lar, à família e aos seus escritos. Fez nova viagem a Portugal. Dirigiu a *Revista de Portugal*. Em 1889, agregou-se ao grupo dos *Vencidos da Vida*, de que faziam parte Oliveira Martins, Guerra Junqueiro e Ramalho Ortigão, dentre outros. Em 1897, começou a publicar, na *Revista Moderna*, o romance *A Ilustre casa de Ramires*. Doente já há algum tempo, Eça de Queiroz deixou Paris, na companhia de Ramalho Ortigão, indo para a Suíça, onde vai procurar alívio para os males de que padece há muito e nos últimos tempos se agravaram. Seu estado de saúde piora. Regressa a Paris e falece a 16 de agosto de 1900, em sua casa, às quatro e meia da tarde. No dia seguinte, foi transportado a bordo do navio *África* para ser enterrado no Cemitério do Alto de São João.⁶

Nessa efervescência de vida privada, diplomática e literária formou-se e firmou-se a personalidade do grande escritor lusitano, de quem resultou este maravilhoso legado à Humanidade. Entre a ribalta e o cenário estava o artista com sua verve criadora incentivada pelas experiências e observações bebidas do cotidiano, prenes de valor social e eivada de um criticismo, exacerbado para a época, mas plenamente aceito na posteridade que lhe sobreveio, posto que realístico e sem os excessos próprios dos modismos inconsistentes. Eça de Queiroz fez e revisionou escola, assimilando o que de fora entrava, especialmente de França, antes peneirando o que de Zola, Balzac, Flau-

6 IANNONE, Carlos Alberto. In: QUEIROZ, Eça de. *O Crime do padre Amaro*. São Paulo, Ed. Três, 1972. (Obras imortais de nossa literatura, 2).

bert ou Maupassant não interessava às letras nacionais nem ao fio programático e ideológico do Realismo. Colheu-lhes a nata e sacudiu a lia.

3. AMBIÊNCIA HISTÓRICA DA PRODUÇÃO

O Realismo português experimentou, para sua implantação, dois momentos distintos, assinalados por eventos ruidosos: o da "Questão Coimbrã" (1865) e o das *Conferências do Cassino Lisbonense* (1871).

A Revolução Industrial, carregando seus progressos e inovações no campo da ciência e da tecnologia, abalou profundamente a estrutura da sociedade européia, mexendo com preconceitos atrelados a séculos de tradição.

Nesse tempo, o ambiente literário de Portugal efervescia, estimulado por duas correntes: de um lado, os *escritores de Lisboa, conservadores, tradicionalistas, completamente fechados a qualquer influência renovadora, a alimentar sua vaidade ao calor oficial do aplauso dos consagrados*; de outro lado, a mocidade universitária de Coimbra, independente, batida de sol, excitada pelas doutrinas que traçavam novo rumo espiritual ao mundo.⁷

*No pequeno meio de Coimbra condensavam-se em corpo de idéias as influências mais dispares e de procedência mais heterogênea. O orientalismo, o folclore com intenções étnicas, a filologia e metafísica alemãs, o realismo francês, a filosofia da história, o socialismo, o positivismo e as generosas teorias de confraternização e filantropia, todas essas novidades se confundiam, e excitavam naquela exaltada mocidade tendências mentais diametralmente opostas ao esgotado romantismo.*⁸

Antônio Feliciano de Castilho — o *primus inter pares* da crítica e consagrado nas letras oficiais — em prefácio ao livro *Poema da Mocidade*, de Pinheiro Chagas, se referia, em tom de deboche e despreço, *àqueles jovens irrequietos que tinham a audácia de não lhe pedirem a benção...* Estava ferida a Questão Coimbrã, ou Bom Senso e Bom Gosto, que marcou indelevelmente a história literária de Portugal.

Antero de Quental, o mais exaltado *coimbrão*, e Teófilo Braga, do mesmo grupo, já haviam publicado algumas peças dentro do novo espírito e da mais moderna linha de construção. Foi aos dois líderes da reação anti-romântica — Antero e Teó-

7 LELLIS, Raul Moreira de. *Português no colégio*. 10. ed. São Paulo, Ed. Nacional, 1968, p. 301.

8 FIGUEIREDO, Fidelino de. *Literatura portuguesa*. Rio de Janeiro, Ed. A Noite, 1940, p. 299.

filo — que Castilho dedicou parte da Carta-Prefácio. É Viana Moog que conta: ... *Nela Castilho fazia alusões aos perigos que ameaçavam as letras portuguesas e propunha, para remediar o mal, fosse criado um curso oficial de literatura, para cuja cadeira lembrava o nome do próprio Pinheiro Chagas. A severidade do futuro professor parecia-lhe suficientemente comprovada pelo fato de muitos novos já haverem sido acremente abjurgados por este aquilatador inexorável! Mas, para desgraça de Castilho, a carta a certa altura traia-lhe demasiadamente os recalques, resvalando para o terreno das invetivas contra Antero e Teófilo, no estilo amaneirado da escola por ele chefiada. Em suas apreciações entrava também um pouco forçadamente Vieira de Castro, para que o golpe não doesse tanto.*⁹

A retaliação, violenta retaliação, veio com Antero de Quental, através do folheto *BOM SENSO E BOM GOSTO* título que lembrava as duas principais qualidades negadas por Castilho ao grupo coimbrão. A violência do panfleto conduzia toda a indignação dos *novos* contra a encanecida cabeça de Castilho, que, ferido em sua dignidade e pundonor, não treplicou. Veio-lhe contudo, em defesa, Ramalho Ortigão (que mais tarde aderiu aos realistas) com um provocador artigo no *Jornal do Porto*, tachando a Antero, inclusive, de covarde, por ser Castilho velho e cego. Daí o celeberrimo duelo de Antero e Ortigão. Foram às vias de fato, mas, no fim, como bons cavalheiros, se reconciliaram no próprio campo de honra.

Em 71, recrudescceu o movimento com a série de conferências que Antero de Quental organizou no Cassino Lisbonense. O espalhafato da Questão Coimbrã emprestou a maior preeminência às conferências. Com o salão principal lotado, Antero pronunciou a primeira de uma série de quatro conferências sobre as *Causas da Decadência dos Povos Peninsulares nos Últimos Três Séculos*, focalizando como causas o catolicismo resultante do Concílio de Trento, o Absolutismo e o desdobramento irracional das Conquistas.

Entre outras conferências realizadas, veio a vez de Eça de Queiroz, que falou sobre o *Realismo na Arte*. Segundo o conferencista, que, com o grupo, solidificava o realismo, este não é somente *um processo de forma, mas uma nova filosofia do espírito humano; é a proscricção do falso e do convencional na análise crítica do homem; é a doutrina moral por excelência, pois que visa a condenar o vício, desnudando-o; é o instrumento*

9 MOOG, Vianna. *Eça de Queiroz e o século XIX*. 2. ed. Porto Alegre, Globo, 1969, p. 66-7.

de regeneração social, que procura, pelo temor do mal, criar a religião do bem.¹⁰

Quando estava para ser proferida por Salomão Sáraga a quinta sessão em torno de *Os Historiadores Críticos de Jesus*, o governo determinou o encerramento das conferências democráticas.

De nada adiantaram os protestos. Não se reabriram as sessões.

*Em 1865, a luta processava-se apenas no plano literário; a proibição das conferências nada mais era do que o prolongamento dessa mesma luta no terreno político e social.*¹¹

4. A OBRA E A CRÍTICA

4.1 — A obra

Não nos cabe, ao termo dessa abordagem, deixar juízo crítico-comparativo sobre a produção queiroziana. Isso constituiu, no lapso de mais de cem anos, tarefa para os especialistas e analistas de mister, especialmente tendo em linha de conta o que disseram Galeão Coutinho e Braga Montenegro, mencionados linhas atrás. *Ne sutor ultra crepidam* desanima-nos a empreender tamanha empreitada. O escopo deste trabalho é o de reunir sucintamente os principais lances da vida e os mais preeminentes momentos da obra do autor de *A Relíquia*, conectando-os à contextura literária brasileira, inclusive a cearense, sobre a qual o escritor sobremodo influiu, máxime no que pertence à escola realista.

Eça de Queiroz escreveu romances, contos e literatura de viagem, tendo militado, ainda, com certo sucesso, no jornalismo. Conquanto sua produção seja bastante eclética, posto que foi epistológrafo, crítico literário, hagiógrafo, cronista, jornalista e polemista, foi no conto e no romance que se construiu e se destacou como o maior escritor português do século XIX e um dos maiores escritores de língua portuguesa. Na sua obra observam-se três fases distintas. A primeira fase de iniciação ou fase romântica — entressacha-se a 1866-1875 e vai desde os folhetins da *Gazeta* até *O Crime do Padre Amaro*, seu primeiro grande romance realista. Esses trabalhos foram mais tarde reunidos por Jaime Batalha Reis no volume *Prosas Bárbaras*, exclusive *O Crime do Padre Amaro*. Nesse período depreende-se

10 LELLIS, Raul Moreira de. Op. cit., p. 305.

11 Id. ibid.

que há lugar maior para o fantástico por meio do inusitado, do sobrenatural e do macabro. É nítida e influência do satanismo de Baudelaire e das idéias tétricas de Poe. Os escritos dessa fase demonstram um gosto pela linguagem complicada, de simbologia exageradamente pessoal, uso excessivo de adjetivos e introdução de neologismos e galicismos, pelo que foi acerbamente criticado. Além das *Prosas Bárbaras*, reunidas por Batalha Reis, pertencem à primeira fase *O Mistério da Estrada de Sintra*, escrito em colaboração com Ramalho Ortigão, e *Uma Campanha Alegre*, produto de material publicado em *As Farpas*, jornal dirigido por Ortigão. *O Mistério da Estrada de Sintra* é um tipo de romance policial, cujo argumento se desenvolve a partir da agressão que indivíduos encapuzados praticam a um médico que regressava de Sintra para Lisboa. Muitos críticos enxergam nesse enredo a intenção adrede de criticar os romances de Camilo Castelo Branco, repletos desse tipo de motivo.

A segunda fase — fase de plenitude realista (1875-1887) — começa com a publicação do *O Crime do Padre Amaro*, escrito em 1871 e lido a alguns amigos em 1872, mas somente publicado em 1875, terminando com *Os Maias*. Nesta fase, . . . *adequando às teorias do realismo iconoclasta a partir de 1871, Eça coloca-se sob a bandeira da República e da Revolução, e passa a escrever, em coerência com as idéias aceitas, obras de combate às instituições vigentes (Monarquia, Igreja, Burguesia) e de ação e reforma social.*¹² Pertencem à segunda fase *O Crime do Padre Amaro*, *O Primo Basílio*, *O Mandarim*, *A Relíquia* e *Os Maias*, sendo que *O Mandarim* é considerado o menos realista. "É, antes, um volume de fantasias em que Eça pretendeu demonstrar que o dinheiro ganha honestamente, com o suor do trabalho, é o único que pode trazer felicidade e satisfação ao homem."¹³

O Crime do Padre Amaro, o primeiro rebento realista-naturalista do Escritor, tem fio parecido com *O Crime do Abade Mouret*, de Emile Zola. Segundo José Mesquita de Carvalho, *O Crime do Padre Amaro foi obra que se procurou inculcar de plágio da de Zola e que seria ainda motivo para discussão se não provasse ter sido publicada antes.*¹⁴ Aliás, é o próprio Eça que diz, na *Nota da 2.ª Edição do Livro*: ". . . E no Brasil e em

12 MOISÉS, Massaud. *A Literatura portuguesa*. São Paulo, Saraiva, 1968.

13 IANNONE, Carlos Alberto. A Vida de Eça de Queiroz. In: QUEIROZ, Eça de. *O Crime do padre Amaro*. São Paulo, Ed. Três, p. 15 (Obras imortais de nossa literatura, 2).

14 CARVALHO, José Mesquita de. *História da literatura*. Porto Alegre, Globo, 1940, p. 558.

Portugal escreveu-se (sem todavia se aduzir nenhuma prova efetiva) que *O Crime do Padre Amaro* era uma imitação do romance do Senhor E. Zola — *La Faute de L'Abbé Mouret*; ou que este livro do autor de *Assomoir* e de outros magistrais estudos sociais sugeriria a idéia, os personagens, a intenção do *O Crime do Padre Amaro*.

Eu tenho algumas razões para crer que isto não é correto. *O Crime do Padre Amaro* foi escrito em 1871, lido a alguns amigos em 1872, e publicado em 1874. O livro do Senhor Zola, *La Faute de L'Abbé Mouret* (que é o quinto volume da série *Rougan Macquart*), foi escrito e publicado em 1875."

Romance de costumes e de atualidade, *O Crime do Padre Amaro* pretendeu apontar a corrupção existente no meio eclesiástico da época. *Constitui-se O Crime do Padre Amaro num retrato fiel e minucioso da sociedade leiriense, muito influenciada pelos membros do clero, como é comum, aliás, entre a gente dos pequenos aglomerados de província.*¹⁵

O Primo Basílio desenvolve-se em Lisboa e os personagens são reais, de personalidades diferentes dos de *O Crime do Padre Amaro*. Sempre vergastando os românticos, Eça quis provar que uma educação em bases românticas é falha, visto que Luísa, presa por ideais românticos, no final da estória, torna-se adúltera, embora tenha resistido a investidas de Basílio, diferentemente daquelas reações pusilânimes próprias de Amaro ou Amélia no *O Crime do Padre Amaro*.

A Relíquia, romance-crítica social, é outro importante produto editorial do realismo português. Nele, Eça de Queiroz ataca os fingimentos e as falsas devoções num tom sarcástico e dirigindo as carapuças às cabeças certas. Vários didatas colocam-no na terceira fase.

Os Maias é romance naturalista do maior valor, pois encerra uma crítica à sociedade lisboeta dos últimos anos do século passado. Trata-se de um caso de incesto, amor físico entre dois irmãos, que se desvenda no cabo do livro. Sobre *Os Maias*, diz Antônio José Barreiros: *Quis pintar nele a sociedade portuguesa, tal qual fez o Constitucionalismo de 1830, como expressamente disse em carta a Teófilo Braga. Porque teria de abranger todas as infra-estruturas dessa sociedade, política e finanças, religião e moral, literatura e jornalismo, festas e jogos e espetáculos, amizades e relações entre famílias, a obra resulta muito complexa.*

A terceira fase — fase de maturação estilística — limita-se pela publicação de *Os Maias* e vai até 1900. Eça inicia os temas

15 IANNONE, Carlos Alberto. Op. cit., p. 15.

de cunho social e nacionalista. *Adquire mais interesse pelos problemas intelectuais, estéticos e históricos. Vendo que pouco ou nada adiantava com a sátira ao vício, abandona-a e ergue uma obra de sentido construtivo, contactando com o outro lado do mundo que ainda não estava podre. É uma fase em que atinge a maturidade intelectual.*¹⁶ É a época em que o Escritor adquire imortalidade através do fulgor estético das suas peças, que fizeram dele figura ímpar no contexto do realismo e das letras lusas. Representam esta terceira fase, principalmente, três obras: *A Ilustre Casa de Ramires*, *A Correspondência de Fradique Mendes* e *A Cidade e as Serras*, obra publicada post mortem.

No *A Ilustre Casa de Ramires*, *Eça de Queiroz critica a decadência portuguesa do século passado, confrontando Portugal de então com o da Idade Média e começo da Renascença, ao tempo da Revolução Comercial. Gonçalo Ramires é o principal personagem, descendente de estirpe, mas que vive de rendas sem nada produzir.*

A Correspondência de Fradique Mendes consta de duas partes: uma em que o Escritor esboça a personalidade do protagonista do Romance-Fradique; outra em que mostra a correspondência dirigida por este a conhecidos escritores da época, como Oliveira Martins, Ramalho Ortigão e Guerra Junqueiro. O Autor aproveita as cartas para expor as suas idéias sobre literatura, filosofia, arte, política e religião, embora, no romance, ainda apareça a crítica social da chamada *fase de plenitude realista*.

Defendendo a opinião de que o homem, à Rousseau, só pode encontrar a felicidade verdadeira longe da civilização, na vida simples do campo, em contato com a natureza, sai, depois da morte de Eça, em 1901, o *A Cidade e as Serras*, considerada a obra-prima da última fase.

Eclético como era, Eça de Queiroz tem outros escritos que não podem, pelo menos do ponto de vista didático, serem incluídos nessas fases, como os casos de *Cartas da Inglaterra*, *Contos* e outros trabalhos já mencionados.

4.2 — *A crítica*

É praticamente impossível, a curto fôlego, catalogar todas as pessoas que, em todo o mundo, revelaram apreciar a obra queiroziana e dela tecer críticas, a mor parte apologéticas, uma vez que não mais se discute a grandiosidade, a grandiloquência do escritor de Póvoa do Varzim.

16 Id. *ibid.*

Hoje, por mais que se descubram lances novos na obra eciana que ensejem à construção crítica por ângulo inédito, logo, com a pesquisa e a compulsão de documentos, o veio novo se dilui, porquanto os estudiosos, os ecófilos, encarregaram-se, durante esses anos todos, de prover de apreciações a crítica literária sobre o nosso Escritor e sua produção.

Dizer, por exemplo, que o autor de *Os Maias é um dos mais admiráveis artistas da palavra escrita que o século XIX viu nascer e florescer em todo o mundo*; ou que Eça de Queiroz *retemperou a língua nacional, pondo-a em dia com as necessidades da expressão e do gosto modernos com o que contribuiu, mais que ninguém na sua época, para a cobrir de prestígio entre as gerações que vieram depois dele . . .* é correr o risco de ser repetitivo, fastidioso, paulificante, até.

Todavia, como o objetivo desta pequena monografia não é fazer, por inexequível, novo estudo ou crítica original acerca da vida e da obra do autor de *De Port Said a Suez* e sim um apinhado geral das principais ocorrências com ele relacionadas, convém, para conhecimento ou lembrança de quem vir essas referências, mencionar algumas passagens de escritos que sobre ele fizeram autores e mais autores, de modo particular portugueses e brasileiros.

Dele, diz Mendes dos Remédios: *Na história do romance nacional o seu nome, independentemente do juízo que venha a fixar-se a respeito da obra, ficará para sempre perdurável pelo caminho novo que rasgou no campo do naturalismo e pela influência decisiva que a sua maneira criou e exerceu . . . Em todos os seus trabalhos não é só o entrecho que prende e seduz o leitor, mas principalmente a magia do estilo vivo, novo, de riquíssima policromia.*¹⁷

Estêvão Cruz, em sua maravilhosa *Antologia da Língua Portuguesa*, assim se expressa: "*O autor de O Primo Basílio e da A Cidade e as Serras deixou nos seus livros . . . um tal poder de observação, uma ironia tão cintilante, um estilo tão vivo, tão belo, tão inconfundível e ondeante na sua policromia, que em toda a parte teria sido um grande e apreciadíssimo escritor. Nessa prosa equilibrada, colorida, luminosa, exuberante de relevo, de cor, de vida, vestindo a idéia ao de leve numa diafanidade de gás, Eça de Queiroz soube como ninguém dizer e exprimir tudo — e se na sua obra se podem encontrar defeitos como o do seu constante pessimismo tão exagerado e prejudicial, nin-*

17 REMÉDIOS, Mendes dos, apud CARVALHO, José Mesquita de. *História da literatura*. Porto Alegre, Globo, 1940, p. 558.

guém até hoje contestou a sua beleza e a sua decisiva influência sobre os modernos escritores portugueses e brasileiros."18

Outro dos nossos melhores críticos, Agripino Grieco, vem com esse maravilhoso torneio: *Sua prosa lípida, translúcida, moderna, pôs em debandada os arqueólogos da língua, que nunca mais reconquistaram o terreno perdido. É nervoso, elétrico, versátil, brilhante, gostando da análise febril, um tanto cínico no sarcasmo e um tanto acanhado na ternura.*19

5 — INFLUÊNCIAS DE EÇA E DOS REALISTAS NA LITERATURA BRASILEIRA

Também no Brasil, e no Ceará, foram sentidas as influências do novo pensamento europeu, sacudido pelo novo *modus operandi* imprimido pela Revolução Industrial, com respeito também ao pensamento científico e filosófico, a partir do terceiro quartel do século XIX.

Sobreleva, neste ponto, uma influência das mais profundas e largas que atuaram no pensamento brasileiro do tempo — exatamente a do escritor Eça de Queiroz. As questões entre o realismo nascente e o romantismo decrépito feriam-se em Portugal desde 1865, com a conhecida Questão Coimbrã e As Conferências do Cassino Lisbonense, em 1871, a cuja frente estava, sobranceiro, Antero de Quental.

Num Brasil escravo do sentimentalismo, filho do estilo manemolente e irreal do romantismo de Castilho e Alencar, e com a vida literária ainda claudicante, sem personalidade própria e indefinida, foi enorme a repercussão que teve a obra dos realistas, via Eça de Queiroz, sobre a nossa literatura. Foi Eça um dos maiores fautores da transformação aqui operada naquela época.

A publicação dos dois livros — *O Crime do Padre Amaro* e *O Primo Basílio* — significou a realização da estética realista-naturalista na ficção. Por meio dessas duas peças e da ligação constante que manteve com o Brasil pelos jornais e, pelo relacionamento estreito com o mundo literário, apôs-se o autor de *O Egito* como uma espécie de tutor da vida intelectual brasileira.

Em todo o País, a influência realista, através de Eça e, especialmente, com aqueles dois veículos das idéias realistas, se fez sentir com muita intensidade. Hoje, ainda, essa influência se faz presente nos escritores de escolas nacionais, na temática, no

18 CRUZ, Estevão. *Antologia da língua portuguesa*. Porto Alegre, Globo, 1934, p. 817-8.

19 CARVALHO, José Mesquita de. *História da literatura*. Porto Alegre, Globo, 1940, p. 558.

modo de tornear, na ironia, no uso de neologismos e francesismos e no toque de *licenciosidade* do realismo eciano.

Entre nós cearenses, a reação à subjetividade romântica operou-se mais ou menos na mesma época, especialmente na prosa, que gerou escritores que procuraram os problemas biológicos e patológicos para a feitura de suas obras, bem no espírito do realismo-naturalismo.

Na década que começou em 1880, foi fundado em Fortaleza o Clube Literário, que reuniu autores românticos que coexistiam com outros já adeptos do novo caminho indigitado por Balzac, Zola, Flaubert, Daudet, Maupassant, Eça e, já, Machado.

Oliveira Paiva, Adolfo Caminha, Domingos Olímpio, Rodolfo Teófilo e Papi Júnior, com os seus escritos cientificistas, davam feição ao realismo-naturalismo em nosso meio, quer bebido diretamente de Eça de Queiroz e de outros realistas europeus, quer através de realistas nacionais já existentes, como o realista-naturalista Aluísio de Azevedo, cujo *O Homem* ensejou a publicação de dois artigos de louvação à nova corrente literária, assinados por Oliveira Paiva, na *A Quinzena*, de 15 e 30 de janeiro de 1888, respectivamente.

OBRAS CONSULTADAS

- AZEVEDO, Sânzio de. *Literatura cearense*. Fortaleza, Imprensa Universitária. 1976, 597 p.
- CARVALHO, José Mesquita de. *História da literatura*. Porto Alegre, Globo, 1940, 660 p.
- CRUZ, Estêvão. *Antologia da língua portuguesa*. Porto Alegre, Globo, 1934, 840 p.
- FIGUEIREDO, Fidelino de. *Literatura portuguesa*. Rio de Janeiro, Ed. A Noite. 1940.
- GRAVE, João & COELHO NETO. *Eça de Queiroz*. In: LELLO UNIVERSAL. Porto, Lello & Irmão, s.d.
- LELLIS, Raul Moreira de. *Português no colégio*. 10. ed., São Paulo, Ed. Nacional, 1968, 468 p.
- MENEZES, Djacir. *Crítica social de Eça de Queiroz*. 2. ed., Fortaleza, Imprensa Universitária, 1962, 206 p.
- MOISÉS, Massaud. *A Literatura Portuguesa*. Saraiva, São Paulo, 1968.
- MONTELLO, Josué. *Santos de casa*; estudos de literatura. Fortaleza, Imprensa Universitária, 1966, 300 p.
- MONTENEGRO, Braga. *Correio Retardado*; estudo de crítica literária. Fortaleza, Imprensa Universitária, 1966, 259 p.
- MOOG, Vianna. *Eça de Queiroz e o século XIX*. 2. ed., Porto Alegre, Globo, 1969.
- QUEIROZ, Eça de. *A Cidade e as serras*. Rio de Janeiro, BUP, 1963, 238 p.
- . *O Crime do padre Amaro*. São Paulo, Ed. Três, 1972, 400 p. (Obras imortais de nossa literatura) (2).
- . *A Ilustre casa de Ramires*. Rio de Janeiro, Ed. Ouro. s.d., 383 p.
- . *Os Maias*. São Paulo, Brasiliense, 1961, 2 v.
- . *A Relíquia*. Rio de Janeiro, BUP, 1963, 297 p.